

Referências bibliográficas

ALVES, A.S. Governança em Sistemas Locais de Inovação: uma perspectiva socioecológica. Dissertação de Mestrado. Departamento de Engenharia Industrial, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

ARROW. K. 1962. Economic welfare and the allocation of resources for invention, in *The Rate and Direction of Inventive Activity: Economia and Social Factors*, NBER, Princeton University Press: p. 609-625.

AUTM, 2000. AUTM Licencing Survey, FY 1999 Survey Summary, <http://www.autm.net/publications/survey/99/survey99A.pdf>.

AUTM, 1999. FY 98 Association of University Technology Managers Survey, <http://www.autm.net/publications/survey/1998/pr98finalweb.pdf>.

BALDRIDGE, L. The Transformation Imperative: Achieving Market Dominance Through Radical Change. Boston, MA: Harvard Business Scholl Press, 1996.

BALDRIDGE, L.V. Power and conflict in the university: research in the sociology of complex organizations. New York: John Wiley & Sons Inc., 1971. Estrutturación de políticas y lideraz_o efectivo en la educación superior. México: Noema Editores, 1982.

BAUMARD, P. Les organizations déconcertés: la gestion stratégique de la connais-sance. Paris: Masson, 1996.

BORGHOFF, U. & PARESCI, R. Information technology for knowledge management. Germany: Springer, 1998.

CAMPBELL, P. Pacs between universities and companies worry federal officials, Government & Politics, May 15, <http://chronicle.comm/data/articles.dir/art-44.dir/issue-36.dir/36a03702.htm>.

CASSIOLATO, J.E.. & LASTRES, H.M.M. Local, National and Regional Systems of Innovation in the Mercosur. DRIUDS Summer Conference on National Innovation Systems. Industrial Dynamics and Innovation Policy. Rebuild, June 9-12: 1999.

CAVALCANTI, M. & GOMES, E. Inteligência empresarial: um novo modelo de Gestão para uma nova economia. Produção, vol. 10, n. 2, mal. 2001, p. 53-64.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE INDÚSTRIA. Contribuição da Indústria para a Reforma da Educação Superior. Brasília, CNI/SESI/SENAI/IEL. 2004. Disponível em <<http://www.cni.org.br>> Acesso em: 22 fev. 2005.

COUTO, A. Universidade e Proteção da Propriedade de Activos Intelectuais: fundamento económicos e aspectos críticos. Texto para Discussão DGE-03/2001, DGE Universidade da Beira Interior, jun. 2001.

DAVENPORT, T. & PRUSAK, L. Working Knowledge. New York. Harvard Business School Press, 1998.

———. Ecologia da Informação: Por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2001.

DELANTY, G. The University in the Knowledge Society. Organization Overviews, University of Liverpool, UK, vol. 8(2): 149-153, 2001.

ETZIONI, A. Organizações modernas. São Paulo: Pioneira, 1989.

ETZKOWITZ, H. & LEYDESDORFF, L. A Triple Helix of University-Industry-Government Relations. The Future Location of Research?, New York, Science Policy Institute, State University of New York.

EUROPEAN COMMISSION. Second European Report on S&T Indicators, Luxembourg, EC, 1997a.

EUROPEAN COMMISSION. University Spin-Off Development (UNISPIN), <http://unict.it/unispin/enghome.html#desc>, 1997b.

FOGUEL, S. & SOUZA, C.C. Desenvolvimento organizacional. São Paulo: Atlas, 1987.

GARVIN, D. A. et al. Learning Organization. HSM Management, n. 9, julho-agosto 1998, p. 58-88 (dossiê contendo uma coletânea de textos de diversos autores).

GORDON, G. The Relationship of Corporate Culture to Industry Sector and corporate Performance. In: KILMANN, et alli. Gaining Control of de Corporate Culture. San Francisco: Jossey-Bass, 1985.

HOFSTEDE, G. et alli. Measuring Organizational Cultures: a Qualitative and Quantitative Study Across Twenty Cases. **Administrative Science Quartely**, v. 35, p. 286-316, 1990.

KOULOPOULOS, T.M. The workflow Imperative: building real work business solutions. USA: John Wiley & Sons 1995.

MACCARL, E.M. e RODRIGUES, L.C. Gestão do Conhecimento em Instituições de Ensino Superior.

MAZZOLENI, R. & NELSON, R. The benefits and costs of strong protection: a contribution to the current debate, **Research Policy**, 27(3): 273-284, 1998.

NATIONAL SCIENCE BOARD. Science and Engineering Indicators, Arlington, VA, National Science Foundation.

McGEE, J. e PRUSAK, L. Gerenciamento Estratégico da Informação. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MELO, A. The Innovation Systems of Latin America and the Caribbean. Inter-American Development Bank. Agosto, 2001.

MINTZBERG, H. Criando organizações eficazes: estruturas em cinco configurações. São Paulo: Atlas, 1995, p.250.

MORESI, E.A.D. Inteligência Organizacional: Um referencial integrado. In Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 2, p. 35-46, maio/ago. 2001.

MORGAN, G. Imagens das Organizações. São Paulo: Ed. Atlas, 1996.

MOTA, T.L.N. da G. Sistemas de inovação tecnológica de economias periféricas. Fortaleza, 1998. 66p. (Monografia apresentada à Universidade Estadual do Ceará - UECE, como existência parcial para obtenção do título de Especialista em Agente de Inovação Tecnológica).

———. Interação universidade-empresa na sociedade do conhecimento: reflexões e realidade. Cia. Inf., v. 28, n. 1, jan. 1999.

NONAKA, I. & TAKEUCHI, H. Criação de conhecimento na empresa. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PRAHALAD, C.K. & HAMEL, G. The core competence of the organization. **Harver Business Review**, p. 79-91, 1990.

PRESSMAN, L. & KAISER, D. Measuring product development outcomes of patent licencing at M.I.T., **American Association for Advanced of Science Annual Meeting**, Washington DC, February, <http://web.mit.edu/tlo/www/presentations.htm>, 2000.

PROPRIEDADE INTELECTUAL – O CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO. Neto, A. e Panigassi, R. (Org.) Microsoft Brasil, São Paulo, 2005.

ROMERO, J.J.B. Concepção de universidades. In: FINGER, Ameri Paulo (org.). Universidade: organização: planejamento e gestão. Florianópolis: UFSC/CPGNNU PEAU, 1988.

NONAKA, I. A Empresa Criadora de Conhecimento. In Harvard Business Review (coletânea) Gestão do Conhecimento. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000, p. 27-49.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. Sessenta anos da PUC-Rio. Vice-Reitoria Comunitária, PUC-Rio: 2000.

SCHEIN, E.H. Coming to a New Awareness of Organizational Culture. **Sloan Management Review**, v. 25, n. 2, p. 3-16, 1984.

———. Organizational Culture. **The American Psychologist**, v. 45, n. 2, p. 109-119, 1990.

SENGE, P.M. et al. The dance of change. New York: A Currency Book, 1999.

SILVA, L.F. & CARVALHO, M.B. Cadernos REPICT, vol. 1 – Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais Ltda., 2004 – Autores:

SILVA, L.F. & CARVALHO, M.B. Cadernos REPICT, vol. 1 – Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais Ltda., 2004 – Autores:

STEVENS, J.M. & BAGBY, J.W. Knowledge Transfer from Universities to Business: Returns for All Stakeholders? Organization Speaking out, The Pennsylvania State University, USA, vol. 8(2): 259-268, 2001.

TERRA, J.C.C. Gestão do conhecimento: o empresarial. Grande desafio_São Paulo: Negócio Editora, 2000.

TRINDADE, Hélgio. Universidade em Perspectiva: Sociedade, conhecimento e poder. Conferência de abertura da XXI Reunião anual da ANPED, Caxambu, setembro, 1998.

VERGARA, S.V. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2000.

VITHLANI, H., s/d. The UK Innovation System, Department of Trade and Industry, UK, http://www.oecd.org//dsti/sti/s_t/inte/nis/memberonly/REPORTS2.HTM.

VOLLMANN, T.E. The Transformation Imperative: Achieving Market Dominance Through Radical Change. Boston, MA: Harvard Business Scholl Press, 1996.

WERNER, Y. Forms of Value System: Focus on Organization Effectiveness and Cultural change and Maintenance. **Academic of Management Review**, October, 1988.

YIN, R.K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3.ed - Porto Alegre: Bookman, October, 1988. (tradução Daniel Grassi)

Anexo 1

A Lei nº 10.973, de 02.12.2004

Decreto nº 5.563, de 11.10.2005

Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004,

DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a [Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004](#), que estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação e ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento industrial do País, nos termos dos [arts. 218 e 219 da Constituição](#).

Art. 2º Para os efeitos deste Decreto, considera-se:

I - agência de fomento: órgão ou instituição de natureza pública ou privada que tenha entre os seus objetivos o financiamento de ações que visem a estimular e promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação;

II - criação: invenção, modelo de utilidade, desenho industrial, programa de computador, topografia de circuito integrado, nova cultivar ou cultivar essencialmente derivada e qualquer outro desenvolvimento tecnológico que acarrete ou possa acarretar o surgimento de novo produto, processo ou aperfeiçoamento incremental, obtida por um ou mais criadores;

III - criador: pesquisador que seja inventor, obtentor ou autor de criação;

IV - inovação: introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social que resulte em novos produtos, processos ou serviços;

V - Instituição Científica e Tecnológica - ICT: órgão ou entidade da administração pública que tenha por missão institucional, dentre outras, executar atividades de pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico;

VI - Núcleo de Inovação Tecnológica: núcleo ou órgão constituído por uma ou mais ICT com a finalidade de gerir sua política de inovação;

VII - instituição de apoio: instituições criadas sob o amparo da [Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994](#), com a finalidade de dar apoio a projetos de pesquisa, ensino e extensão e de desenvolvimento institucional, científico e tecnológico;

VIII - pesquisador público: ocupante de cargo efetivo, cargo militar ou emprego público que realize pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico; e

IX - inventor independente: pessoa física, não ocupante de cargo efetivo, cargo militar ou emprego público, que seja inventor, obtentor ou autor de criação.

CAPÍTULO II

DO ESTÍMULO À CONSTRUÇÃO DE AMBIENTES ESPECIALIZADOS E COOPERATIVOS DE INOVAÇÃO

Art. 3º A União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e as respectivas agências de fomento poderão estimular e apoiar a constituição de alianças estratégicas e o desenvolvimento de projetos de cooperação envolvendo empresas nacionais, ICT e organizações de direito privado sem fins lucrativos voltadas para atividades de pesquisa e desenvolvimento, que objetivem a geração de produtos e processos inovadores.

Parágrafo único. O apoio previsto neste artigo poderá contemplar redes e projetos internacionais de pesquisa tecnológica, bem como ações de empreendedorismo tecnológico e de criação de ambientes de inovação, inclusive incubadoras e parques tecnológicos.

Art. 4º As ICT poderão, mediante remuneração e por prazo determinado, nos termos de contrato ou convênio:

I - compartilhar seus laboratórios, equipamentos, instrumentos, materiais e demais instalações com microempresas e empresas de pequeno porte em atividades voltadas à inovação tecnológica, para a consecução de atividades de incubação, sem prejuízo de sua atividade finalística; e

II - permitir a utilização de seus laboratórios, equipamentos, instrumentos, materiais e demais instalações existentes em suas próprias dependências por empresas nacionais e organizações de direito privado sem fins lucrativos voltadas para atividades de pesquisa, desde que tal permissão não interfira diretamente na sua atividade-fim, nem com ela conflite.

Parágrafo único. A permissão e o compartilhamento de que tratam os incisos I e II do *caput* obedecerão às prioridades, critérios e requisitos aprovados e divulgados pelo órgão máximo da ICT, observadas as respectivas disponibilidades e assegurada a igualdade de oportunidades às empresas e organizações interessadas.

Art. 5º A União e suas entidades poderão participar minoritariamente do capital de empresa privada de propósito específico que vise ao desenvolvimento de projetos científicos ou tecnológicos para obtenção de produto ou processo inovadores, desde que haja previsão orçamentária e autorização do Presidente da República.

Parágrafo único. A propriedade intelectual sobre os resultados obtidos pertencerá às instituições detentoras do capital social, na proporção da respectiva participação.

CAPÍTULO III

DO ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO DAS ICT NO PROCESSO DE INOVAÇÃO

Art. 6º É facultado à ICT celebrar contratos de transferência de tecnologia e de licenciamento para outorga de direito de uso ou de exploração de criação por ela desenvolvida, a título exclusivo e não exclusivo.

§ 1º A decisão sobre a exclusividade ou não da transferência ou do licenciamento cabe à ICT, ouvido o Núcleo de Inovação Tecnológica.

§ 2º A transferência de tecnologia e o licenciamento para outorga de direito de uso ou de exploração de criação reconhecida, em ato do Presidente da República ou de Ministro de Estado por ele designado, como de relevante interesse público somente poderá ser efetuada a título não exclusivo.

§ 3º O licenciamento para exploração de criação cujo objeto interesse à defesa nacional deve observar o disposto no § 3º do [art. 75 da Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996](#).

Art. 7º É dispensável, nos termos do art. 24, inciso XXV, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, a realização de licitação em contratação realizada por ICT ou por agência de fomento para a transferência de tecnologia e para o licenciamento de direito de uso ou de exploração de criação protegida.

§ 1º A contratação de que trata o caput, quando for realizada com dispensa de licitação e houver cláusula de exclusividade, será precedida da publicação de edital com o objetivo de dispor de critérios para qualificação e escolha do contratado.

§ 2º O edital conterá, dentre outras, as seguintes informações:

I - objeto do contrato de transferência de tecnologia ou de licenciamento, mediante descrição sucinta e clara;

II - condições para a contratação, dentre elas a comprovação da regularidade jurídica e fiscal do interessado, bem como sua qualificação técnica e econômico-financeira para a exploração da criação, objeto do contrato;

III - critérios técnicos objetivos para qualificação da contratação mais vantajosa, consideradas as especificidades da criação, objeto do contrato; e

IV - prazos e condições para a comercialização da criação, objeto do contrato.

§ 3º Em igualdades de condições, será dada preferência à contratação de empresas de pequeno porte.

§ 4º O edital de que trata o § 1º será publicado no Diário Oficial da União e divulgado na rede mundial de computadores pela página eletrônica da ICT, se houver, tornando públicas as informações essenciais à contratação.

§ 5º A empresa contratada, detentora do direito exclusivo de exploração de criação protegida, perderá automaticamente esse direito caso não comercialize a criação dentro do prazo e condições estabelecidos no contrato, podendo a ICT proceder a novo licenciamento.

§ 6º Quando não for concedida exclusividade ao receptor de tecnologia ou ao licenciado e for dispensada a licitação, a contratação prevista no caput poderá ser firmada diretamente, sem necessidade de publicação de edital, para fins

de exploração de criação que dela seja objeto, exigida a comprovação da regularidade jurídica e fiscal do contratado, bem como a sua qualificação técnica e econômico-financeira.

Art. 8º A ICT poderá obter o direito de uso ou de exploração de criação protegida.

Art. 9º É facultado à ICT prestar a instituições públicas ou privadas serviços compatíveis com os objetivos da Lei nº 10.973, de 2004, nas atividades voltadas à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo.

§ 1º A prestação de serviços prevista no caput dependerá de aprovação pelo órgão ou autoridade máxima da ICT.

§ 2º O servidor, o militar ou o empregado público envolvido na prestação de serviços prevista no caput poderá receber retribuição pecuniária, diretamente da ICT ou de instituição de apoio com que esta tenha firmado acordo, sempre sob a forma de adicional variável e desde que custeado exclusivamente com recursos arrecadados no âmbito da atividade contratada.

§ 3º O valor do adicional variável de que trata o § 2º fica sujeito à incidência dos tributos e contribuições aplicáveis à espécie, vedada a incorporação aos vencimentos, à remuneração ou aos proventos, bem como a referência como base de cálculo para qualquer benefício, adicional ou vantagem coletiva ou pessoal.

§ 4º O adicional variável de que trata este artigo configura, para os fins do art. 28 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, ganho eventual.

Art. 10. É facultado à ICT celebrar acordos de parceria para realização de atividades conjuntas de pesquisa científica e tecnológica e desenvolvimento de tecnologia, produto ou processo, com instituições públicas e privadas.

§ 1º O servidor, o militar ou o empregado público da ICT envolvido na execução das atividades previstas no caput poderá receber bolsa de estímulo à inovação diretamente de instituição de apoio ou agência de fomento.

§ 2º As partes deverão prever, em contrato, a titularidade da propriedade intelectual e a participação nos resultados da exploração das criações resultantes da parceria, assegurando aos signatários o direito ao licenciamento, observado o disposto nos §§ 2º e 3º do art. 6º deste Decreto.

§ 3º A propriedade intelectual e a participação nos resultados referidas no § 2º serão asseguradas, desde que previsto no contrato, na proporção equivalente ao montante do valor agregado do conhecimento já existente no início da parceria e dos recursos humanos, financeiros e materiais alocados pelas partes contratantes.

§ 4º A bolsa de estímulo à inovação de que trata o § 1º, concedida diretamente por instituição de apoio ou por agência de fomento, constitui-se em doação civil a servidores da ICT para realização de projetos de pesquisa científica e tecnológica e desenvolvimento de tecnologia, produto ou processo, cujos resultados não revertam economicamente para o doador nem importem em contraprestação de serviços.

§ 5º Somente poderão ser caracterizadas como bolsas aquelas que estiverem expressamente previstas, identificados valores, periodicidade, duração e beneficiários, no teor dos projetos a que se refere este artigo.

§ 6º As bolsas concedidas nos termos deste artigo são isentas do imposto de renda, conforme o disposto no art. 26 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995, e não integram a base de cálculo de incidência da contribuição previdenciária prevista no art. 28, incisos I a III, da Lei nº 8.212, de 1991.

Art. 11. Os acordos, convênios e contratos firmados entre as ICT, as instituições de apoio, agências de fomento e as entidades nacionais de direito privado sem fins lucrativos voltadas para as atividades de pesquisa, cujo objeto seja compatível com os objetivos da Lei nº 10.973, de 2004, poderão prever a destinação de até cinco por cento do valor total dos recursos financeiros destinados à execução do projeto, para cobertura de despesas operacionais e administrativas incorridas na execução destes acordos, convênios e contratos.

Parágrafo único. Poderão ser lançados à conta de despesa administrativa gastos indivisíveis, usuais e necessários à consecução do objetivo do acordo, convênio ou contrato, obedecendo sempre o limite definido no *caput*.

Art. 12. A ICT poderá ceder seus direitos sobre criação, mediante manifestação expressa e motivada, a título não oneroso, para que o respectivo criador os exerça em seu próprio nome e sob sua inteira responsabilidade, nos termos da legislação pertinente.

§ 1º A manifestação prevista no *caput* deverá ser proferida pelo órgão ou autoridade máxima da ICT, ouvido o Núcleo de Inovação Tecnológica.

§ 2º Aquele que tenha desenvolvido a criação e se interesse na cessão dos direitos desta deverá encaminhar solicitação ao dirigente máximo do órgão ou entidade, que deverá mandar instaurar procedimento e submetê-lo à apreciação do Núcleo de Inovação Tecnológica e, quando for o caso, à deliberação do colegiado máximo da ICT.

§ 3º A ICT deverá se manifestar expressamente sobre a cessão dos direitos de que trata o *caput* no prazo de até dois meses, a contar da data do recebimento do parecer do Núcleo de Inovação Tecnológica, devendo este ser proferido no prazo de até quatro meses, contado da data do recebimento da solicitação de cessão feita pelo criador.

Art. 13. É vedado a dirigente, ao criador ou a qualquer servidor, militar, empregado ou prestador de serviços de ICT divulgar, noticiar ou publicar qualquer aspecto de criações de cujo desenvolvimento tenha participado diretamente ou tomado conhecimento por força de suas atividades, sem antes obter expressa autorização da ICT.

Art. 14. É assegurada ao criador participação mínima de cinco por cento e máxima de um terço nos ganhos econômicos, auferidos pela ICT, resultantes de contratos de transferência de tecnologia e de licenciamento para outorga de direito de uso ou de exploração de criação protegida da qual tenha sido o inventor, obtentor ou autor, aplicando-se, no que couber, o disposto no parágrafo único do art. 93 da Lei nº 9.279, de 1996.

§ 1º A participação de que trata o *caput* poderá ser partilhada pela ICT entre os membros da equipe de pesquisa e desenvolvimento tecnológico que tenham contribuído para a criação.

§ 2º Entende-se por ganhos econômicos toda forma de royalties, remuneração ou quaisquer benefícios financeiros resultantes da exploração direta ou por terceiros, deduzidas as despesas, encargos e obrigações legais decorrentes da proteção da propriedade intelectual.

§ 3º A participação prevista no *caput* obedecerá ao disposto nos §§ 3º e 4º do art. 9º deste Decreto.

§ 4º A participação referida no *caput* será paga pela ICT em prazo não superior a um ano após a realização da receita que lhe servir de base.

Art. 15. Observada a conveniência da ICT de origem, é facultado o afastamento de pesquisador público para prestar colaboração a outra ICT, nos termos do inciso II do art. 93 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, quando houver compatibilidade entre a natureza do cargo ou emprego por ele exercido na instituição de origem e as atividades a serem desenvolvidas na instituição de destino.

§ 1º Durante o período de afastamento de que trata o *caput*, são assegurados ao pesquisador público o vencimento do cargo efetivo, o soldo do cargo militar ou o salário do emprego público da instituição de origem, acrescido das vantagens pecuniárias permanentes estabelecidas em lei, bem como progressão funcional e os benefícios do plano de seguridade social ao qual estiver vinculado.

§ 2º As gratificações específicas do exercício do magistério somente serão garantidas, na forma do § 1º, caso o pesquisador público se mantenha na atividade docente em instituição científica e tecnológica.

§ 3º No caso de pesquisador público em instituição militar, seu afastamento estará condicionado à autorização do Comandante da Força à qual se subordine a instituição militar a que estiver vinculado.

§ 4º A compatibilidade de que trata o *caput* ocorrerá quando as atribuições e responsabilidades do cargo ou emprego descritas em lei ou regulamento guardarem pertinência com as atividades previstas em projeto a ser desenvolvido e aprovado pela instituição de destino.

Art. 16. A administração pública poderá conceder ao pesquisador público, que não esteja em estágio probatório, licença sem remuneração para constituir, individual ou associadamente, empresa com a finalidade de desenvolver atividade empresarial relativa à inovação.

§ 1º A licença a que se refere o *caput* dar-se-á pelo prazo de até três anos consecutivos, renovável por igual período.

§ 2º Nos termos do § 2º do art. 15 da Lei nº 10.973, de 2004, não se aplica ao pesquisador público que tenha constituído empresa na forma deste artigo, durante o período de vigência da licença, o disposto no inciso X do art. 117 da Lei nº 8.112, de 1990.

§ 3º Caso a ausência do servidor licenciado acarrete prejuízo às atividades da ICT integrante da administração direta ou constituída na forma de autarquia ou fundação, poderá ser efetuada contratação temporária nos termos da Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, independentemente de autorização específica.

§ 4º A licença de que trata este artigo poderá ser interrompida, a qualquer tempo, a pedido do pesquisador público.

Art. 17. A ICT deverá dispor de Núcleo de Inovação Tecnológica, próprio ou em associação com outras ICT, com a finalidade de gerir sua política de inovação.

Parágrafo único. São competências mínimas do Núcleo de Inovação Tecnológica:

I - zelar pela manutenção da política institucional de estímulo à proteção das criações, licenciamento, inovação e outras formas de transferência de tecnologia;

II - avaliar e classificar os resultados decorrentes de atividades e projetos de pesquisa para o atendimento das disposições da Lei nº 10.973, de 2004;

III - avaliar solicitação de inventor independente para adoção de invenção na forma do art. 23 deste Decreto;

IV - opinar pela conveniência e promover a proteção das criações desenvolvidas na instituição;

V - opinar quanto à conveniência de divulgação das criações desenvolvidas na instituição, passíveis de proteção intelectual; e

VI - acompanhar o processamento dos pedidos e a manutenção dos títulos de propriedade intelectual da instituição.

Art. 18. A ICT, por intermédio do Ministério ou órgão ao qual seja subordinada ou vinculada, manterá o Ministério da Ciência e Tecnologia informado quanto:

- I - à política de propriedade intelectual da instituição;
- II - às criações desenvolvidas no âmbito da instituição;
- III - às proteções requeridas e concedidas; e
- IV - aos contratos de licenciamento ou de transferência de tecnologia firmados.

Parágrafo único. As informações de que trata este artigo devem ser fornecidas de forma consolidada, três meses após o ano-base a que se referem, e serão divulgadas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia em seu sítio eletrônico da rede mundial de computadores, ressalvadas as informações sigilosas.

Art. 19. As ICT, na elaboração e execução dos seus orçamentos, adotarão as medidas cabíveis para a administração e gestão da sua política de inovação para permitir o recebimento de receitas e o pagamento de despesas decorrentes da aplicação do disposto nos arts. 4º, 6º, 9º e 10 deste Decreto, o pagamento das despesas para a proteção da propriedade intelectual e os pagamentos devidos aos criadores e eventuais colaboradores.

§ 1º Os recursos financeiros de que trata o *caput*, percebidos pelas ICT, constituem receita própria e deverão ser aplicados, exclusivamente, em objetivos institucionais de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

§ 2º Os Ministérios da Fazenda e do Planejamento, Orçamento e Gestão deverão adotar as providências indispensáveis ao inteiro atendimento das disposições contidas no *caput*, nas respectivas áreas de competência, no prazo de noventa dias contados a partir da publicação deste Decreto.

CAPÍTULO IV

DO ESTÍMULO À INOVAÇÃO NAS EMPRESAS

Art. 20. A União, as ICT e as agências de fomento promoverão e incentivarão o desenvolvimento de produtos e processos inovadores em empresas nacionais e nas entidades nacionais de direito privado, sem fins lucrativos, voltadas para atividades de pesquisa, mediante a concessão de recursos

financeiros, humanos, materiais ou de infra-estrutura, a serem ajustados em convênios ou contratos específicos, destinados a apoiar atividades de pesquisa e desenvolvimento, para atender às prioridades da política industrial e tecnológica nacional.

§ 1º As prioridades da política industrial e tecnológica nacional, para os efeitos do *caput*, serão definidas em ato conjunto dos Ministros de Estado da Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

§ 2º A concessão de recursos financeiros sob a forma de subvenção econômica, financiamento ou participação societária, visando ao desenvolvimento de produtos ou processos inovadores, será precedida de aprovação do projeto pelo órgão ou entidade concedente.

§ 3º Os recursos destinados à subvenção econômica serão aplicados no custeio de atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação em empresas nacionais.

§ 4º A concessão da subvenção econômica prevista no § 2º implica, obrigatoriamente, a assunção de contrapartida pela empresa beneficiária na forma estabelecida no contrato.

§ 5º Os recursos de que trata o § 3º serão objeto de programação orçamentária em categoria específica do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FNDCT, não sendo obrigatória sua aplicação na destinação setorial originária, sem prejuízo da alocação de outros recursos do FNDCT destinados à subvenção econômica.

§ 6º Ato conjunto dos Ministros de Estado da Ciência e Tecnologia, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Fazenda definirá anualmente o percentual dos recursos do FNDCT que serão destinados à subvenção econômica, bem como o percentual a ser destinado exclusivamente à subvenção para as microempresas e empresas de pequeno porte.

§ 7º A Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP estabelecerá convênios e credenciará agências de fomento regionais, estaduais e locais, e instituições de crédito oficiais, visando descentralizar e aumentar a capilaridade dos programas de concessão de subvenção às microempresas e empresas de pequeno porte.

§ 8º A FINEP adotará procedimentos simplificados, inclusive quanto aos formulários de apresentação de projetos, para a concessão de subvenção às microempresas e empresas de pequeno porte.

§ 9º O financiamento para o desenvolvimento de produtos e processos inovadores previsto no § 2º correrá à conta dos orçamentos das agências de fomento, em consonância com a política nacional de promoção e incentivo ao desenvolvimento científico, à pesquisa e à capacitação tecnológicas.

§ 10. A concessão de recursos humanos, mediante participação de servidor público federal ocupante de cargo ou emprego das áreas técnicas ou científicas, inclusive pesquisadores, e de militar, poderá ser autorizada pelo prazo de duração do projeto de desenvolvimento de produtos ou processos inovadores de interesse público, em ato fundamentado expedido pela autoridade máxima do órgão ou entidade a que estiver subordinado.

§ 11. Durante o período de participação, é assegurado ao servidor público o vencimento do cargo efetivo, o soldo do cargo militar ou o salário do emprego

público da instituição de origem, acrescido das vantagens pecuniárias permanentes estabelecidas em lei, bem como progressão funcional e os benefícios do plano de seguridade social ao qual estiver vinculado.

§ 12. No caso de servidor público em instituição militar, seu afastamento estará condicionado à autorização do Comandante da Força à qual se subordine a instituição militar a que estiver vinculado.

§ 13. A utilização de materiais ou de infra-estrutura integrantes do patrimônio do órgão ou entidade incentivador ou promotor da cooperação dar-se-á mediante a celebração de termo próprio que estabeleça as obrigações das partes, observada a duração prevista no cronograma físico de execução do projeto de cooperação.

§ 14. A cessão de material de consumo dar-se-á de forma gratuita, desde que a beneficiária demonstre a inviabilidade da aquisição indispensável ao desenvolvimento do projeto.

§ 15. A redestinação do material cedido ou a sua utilização em finalidade diversa da prevista acarretarão para o beneficiário as cominações administrativas, civis e penais previstas na legislação.

Art. 21. Os órgãos e entidades da administração pública, em matéria de interesse público, poderão contratar empresa, consórcio de empresas e entidades nacionais de direito privado sem fins lucrativos voltadas para atividades de pesquisa, de reconhecida capacitação tecnológica no setor, visando à realização de atividades de pesquisa e desenvolvimento, que envolvam risco tecnológico, para solução de problema técnico específico ou obtenção de produto ou processo inovador.

§ 1º A contratação fica condicionada à aprovação prévia de projeto específico, com etapas de execução do contrato estabelecidas em cronograma físico-financeiro, a ser elaborado pela empresa ou consórcio a que se refere o *caput*.

§ 2º A contratante será informada quanto à evolução do projeto e aos resultados parciais alcançados, devendo acompanhá-lo mediante auditoria técnica e financeira.

§ 3º Considerar-se-á desenvolvida na vigência do contrato a que se refere o *caput* a criação intelectual pertinente ao seu objeto cuja proteção seja requerida pela empresa contratada até dois anos após o seu término.

§ 4º Findo o contrato sem alcance integral ou com alcance parcial do resultado almejado, o órgão ou entidade contratante, a seu exclusivo critério, poderá, mediante auditoria técnica e financeira, prorrogar seu prazo de duração ou elaborar relatório final dando-o por encerrado.

§ 5º O pagamento decorrente da contratação prevista no *caput* será efetuado proporcionalmente ao resultado obtido nas atividades de pesquisa e desenvolvimento pactuadas.

Art. 22. As agências de fomento deverão promover, por meio de programas específicos, ações de estímulo à inovação nas microempresas e empresas de pequeno porte, inclusive mediante extensão tecnológica realizada pelas ICT.

CAPÍTULO V

DO ESTÍMULO AO INVENTOR INDEPENDENTE

Art. 23. Ao inventor independente que comprove depósito de pedido de patente é facultado solicitar a adoção de sua criação por ICT, que decidirá livremente quanto à conveniência e oportunidade da solicitação, visando à elaboração de projeto voltado à sua avaliação para futuro desenvolvimento, incubação, utilização e industrialização pelo setor produtivo.

§ 1º O projeto de que trata o *caput* pode incluir, dentre outros, ensaios de conformidade, construção de protótipo, projeto de engenharia e análises de viabilidade econômica e de mercado.

§ 2º A invenção será avaliada pelo Núcleo de Inovação Tecnológica, que submeterá o projeto à ICT para decidir sobre a sua adoção, mediante contrato.

§ 3º O Núcleo de Inovação Tecnológica informará ao inventor independente, no prazo máximo de seis meses, a decisão quanto à adoção a que se refere o *caput*.

§ 4º Adotada a invenção por uma ICT, o inventor independente comprometer-se-á, mediante contrato, a compartilhar os ganhos econômicos auferidos com a exploração industrial da invenção protegida.

§ 5º O Núcleo de Inovação Tecnológica dará conhecimento ao inventor independente de todas etapas do projeto, quando solicitado.

CAPÍTULO VI

DOS FUNDOS DE INVESTIMENTO

Art. 24. Fica autorizada, nos termos do art. 23 da Lei nº 10.973, de 2004, a instituição de fundos mútuos de investimento em empresas cuja atividade principal seja a inovação, caracterizados pela comunhão de recursos captados por meio do sistema de distribuição de valores mobiliários, na forma da Lei nº 6.385, de 7 de dezembro de 1976, destinados à aplicação em carteira diversificada de valores mobiliários de emissão dessas empresas.

Parágrafo único. A Comissão de Valores Mobiliários editará normas complementares sobre a constituição, o funcionamento e a administração dos fundos.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 25. As ICT que contemplem o ensino entre suas atividades principais deverão associar, obrigatoriamente, a aplicação do disposto neste Decreto a ações de formação de recursos humanos sob sua responsabilidade.

Art. 26. Na aplicação do disposto neste Decreto serão observadas as seguintes diretrizes:

I - priorizar, nas regiões menos desenvolvidas do País e na Amazônia, ações que visem dotar a pesquisa e o sistema produtivo regional de maiores recursos humanos e capacitação tecnológica;

II - atender a programas e projetos de estímulo à inovação na indústria de defesa nacional e que ampliem a exploração e o desenvolvimento da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) e da Plataforma Continental;

III - assegurar tratamento favorecido a empresas de pequeno porte; e

IV - dar tratamento preferencial, na aquisição de bens e serviços pelo Poder Público, às empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no País.

Art. 27. Fica criado Comitê Permanente constituído por representantes dos Ministérios da Ciência e Tecnologia, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Educação, para acompanhamento permanente, articulado e sistêmico das ações decorrentes da Lei nº 10.973, de 2004.

§ 1º Os membros e respectivos suplentes do Comitê Permanente serão designados pelo Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, mediante indicação dos titulares dos órgãos referidos neste artigo, a ser efetivada no prazo de trinta dias, a contar da publicação deste Decreto.

§ 2º As funções de membro do Comitê Permanente serão consideradas missão de serviço relevante e não remunerada.

Art. 28. Compete ao Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia estabelecer normas e orientações complementares sobre a matéria regulada neste Decreto, bem como resolver os casos omissos.

Art. 29. As autarquias e as fundações definidas como ICT deverão promover o ajuste de seus estatutos aos fins previstos na Lei nº 10.973, de 2004, e neste Decreto, no prazo de seis meses, contado da data da publicação deste Decreto.

Art. 30. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de outubro de 2005; 184ª da Independência e 117ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Antonio Palocci Filho

Luiz Fernando Furlan

Sérgio Machado Rezende

Publicado no D.O.U. de 13.10.2005, Seção I, pág. 1.

Fonte: http://www.mct.gov.br/legis/decretos/5563_2005.htm.

Anexo 2

Roteiro de Entrevista

1. Em sua opinião, qual a importância da Gestão da PI na Universidade?
2. **Como (os diferentes atores envolvidos com a atividade de pesquisa) você vê a questão da PI na Universidade?**
3. Em sua opinião, a quem pertence os bens intelectuais gerados na Universidade?
4. **Você acredita que a inserção de Políticas de Propriedade Intelectual na PUC-Rio poderia impactar a missão da Universidade? De que forma? Que outras consequências podem ocorrer?**
5. Em relação à Cultura da PUC, como você vê a inserção de Políticas de PI, de forma institucionalizada, na Universidade? Acredita que há ambiente para a assimilação dessa cultura?
6. **No seu ponto de vista, quais são as dificuldades, que possivelmente, poderiam impactar negativamente a assimilação de políticas de PI na PUC? E, o que poderia facilitar?**
7. Quais os aspectos organizacionais, na Universidade, precisam ser gerenciados de forma mais efetiva para a absorção dessas políticas?
8. **Como você avalia os processos de produção do conhecimento na Universidade? Qual a sua atuação neste contexto?**
9. Em relação à Dinâmica de Interação entre Departamentos, você vê algum fator crítico que possa inviabilizar a inserção de políticas de PI na Universidade?
10. **Em sua opinião, quais as formas parecem mais adequadas para a adesão/comprometimento dos professores/pesquisadores acerca da PI e suas particularidades na Universidade?**

11. Dentro da Estrutura Organizacional da PUC, em sua opinião onde deveria estar localizado um Escritório de PI?
- 12. Como acredita que deve ser a integração entre a gestão da PI e a gestão das outras atividades da Universidade?**
13. Como você vê as Práticas de Gestão de Pessoas na Universidade? Você acredita na possibilidade de se aproveitar os recursos humanos da própria PUC-Rio treinando-os para atuar no Escritório de PI?

Anexo 3

Legislação sobre Propriedade Intelectual

- ▶ MEDIDAS PROVISÓRIAS
- ▶ LEIS
- ▶ DECRETOS
- ▶ PORTARIAS INTERMINISTERIAIS
- ▶ PORTARIAS
- ▶ RESOLUÇÕES
- ▶ CONVENÇÕES

MEDIDA PROVISÓRIA

- ▶ **Medida Provisória nº 2.186-16, de 23.08.2001**
Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição, os arts. 1º, 8º, alínea "j", 10, alínea "c", 15 e 16, alíneas 3 e 4 da Convenção sobre Diversidade Biológica, dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e a transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências.
(Regulamentada parcialmente pelo Decreto nº 5.459, de 07.06.2005)
(Vide Decreto nº 3.945, de 28.09.2001 e Decreto nº 4.946, de 31.12.2003)
-

LEIS

- ▶ **Lei nº 10.973, de 02.12.2004**
Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências.
(Regulamentada pelo Decreto nº 5.563, de 11.10.2005)

- ▶ **Lei nº 10.603, de 17.12.2002**
Dispõe sobre a proteção de informação não divulgada submetida para aprovação da comercialização de produtos e dá outras providências.

- ▶ **Lei nº 10.196, de 14.02.2001**
Altera e acresce dispositivos à Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996, que regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial, e dá outras providências.

- ▶ **Lei nº 9.610, de 19.02.98**
Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. - (LEI SOBRE DIREITOS AUTORAIS)
(Regulamentada parcialmente pelo Decreto nº 4.533, de 19.12.2002)
(Vide Decreto de 13.03.2001 e Portaria MJ nº 456, de 07.05.2002)

- ▶ **Lei nº 9.609, de 19.02.98**
Dispõe sobre a proteção de propriedade intelectual de programa de computador, sua comercialização no País, e dá outras providências.
(LEI DE SOFTWARE)
(Regulamentada pelo Decreto nº 2.556, de 20.04.98)

▶ **Lei nº 9.456, de 25.04.97**

Institui a Lei de Proteção de Cultivares, e dá outras providências.
(Regulamentada pelo Decreto nº 2.366, de 06.11.97)

▶ **Lei nº 9.279, de 14.05.96**

Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial.
(LEI DAS PATENTES)

(*) Com alterações estabelecidas pela Lei nº 10.196, de 14.02.2001.
(Regulamentada pelos Decretos nºs 2.533, de 16.04.98 e 3.201, de 06.10.99)

DECRETOS

▶ **Decreto nº 5.563, de 11.10.2005**

Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, e dá outras providências.

▶ **Decreto nº 5.459, de 07.06.2005**

Regulamenta o art. 30 da Medida Provisória no 2.186-16, de 23 de agosto de 2001, disciplinando as sanções aplicáveis às condutas e atividades lesivas ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado e dá outras providências.

▶ **Decreto nº 5.244, de 14.10.2004**

Dispõe sobre a composição e funcionamento do Conselho Nacional de Combate à Pirataria e Delitos contra a Propriedade Intelectual, e dá outras providências.

(*) Com as alterações estabelecidas pelos Decretos nºs 5.387, de 07.03.2005 e 5.634, de 22.12.2005.
(Revoga o Decreto de 13.03.2001)
(Vide Portaria MJ nº 3.469, de 23.11.2004)

▶ **Decreto nº 4.533, de 19.12.2002**

Regulamenta o art. 113 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, no que se refere a fonogramas, e dá outras providências.

▶ **Decreto de 17.07.2002**

Dispõe sobre a criação de Grupo de Trabalho para analisar e propor alternativas para a numeração e identificação de fonogramas e obras literárias, artísticas ou científicas.

▶ **Decreto de 21.08.2001**

Cria, no âmbito da CAMEX - Câmara de Comércio Exterior, o Grupo Interministerial de Propriedade Intelectual, disciplina sua composição e funcionamento, e dá outras providências.

(*) Com as alterações estabelecidas pelo Decreto de 11.04.2005.

▶ **Decreto nº 3.201, de 06.10.99**

Dispõe sobre a concessão, de ofício, de licença compulsória nos casos

de emergência nacional e de interesse público de que trata o art. 71 da Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996.

(*) Com as alterações estabelecidas pelo Decreto nº 4.830, de 04.09.2003.

▶ **Decreto nº 2.556, de 20.04.98**

Regulamenta o registro previsto no art. 3º da Lei nº 9.609, de 19.02.98, que dispõe sobre a proteção da propriedade intelectual de programa de computador, sua comercialização no País, e dá outras providências.

▶ **Decreto nº 2.553, de 16.04.98**

Regulamenta os arts. 75 e 88 a 93 da Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996, que regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial.

▶ **Decreto nº 2.366, de 05.11.97**

Regulamenta a Lei nº 9.456, de 25.04.97, que institui a proteção de cultivares - SNPC, e dá outras providências.

▶ **Decreto nº 1.355, de 30.12.94**

Promulga a Ata Final que Incorpora os Resultados da Rodada Uruguai de Negociações Comerciais Multilaterais do GATT.

(Acordo sobre aspectos dos direitos de propriedade intelectual relacionados ao comércio - TRIPS.)

▶ **Decreto Legislativo nº 30, de 15.12.94**

Aprova a Ata Final da Rodada Uruguai de Negociações Comerciais Multilaterais do GATT, as listas de concessões do Brasil na área tarifária (Lista III) e no setor de serviços e o texto do Acordo Plurilateral sobre Carne Bovina.

(Vide Decreto nº 1.355, de 30.12.94)

PORTARIA INTERMINISTERIAL

▶ **Portaria Interministerial MDIC/MCT /MPOG nº 47, de 03.08.2000**

Cria o Comitê Executivo de Comércio Eletrônico, que terá a atribuição de atuar como canal de comunicação entre o Governo e os setores produtivo, comercial e de serviços em matéria de comércio eletrônico. (Vide Portaria Interministerial MDIC/MCT/MPOG nº 72, de 20.12.2000 - Resolução nº 1, de 08.08.2001 e Regimento Interno)

PORTARIA

▶ **Portaria MJ nº 3.469, de 23.11.2004**

Designa membros para compor o Conselho Nacional de Combate à Pirataria e Delitos contra a Propriedade Intelectual.

▶ **Portaria MCT nº 531, de 27.08.2002**

Cria o Grupo de Trabalho e Assessoramento Interno, doravante denominado GTA - Propriedade Intelectual, para estudar, subsidiar, propor e acompanhar ações de política em propriedade intelectual, de fomento e de articulação institucional do MCT, em conformidade com

suas diretrizes e prioridades.

▶ **Portaria MCT nº 88, de 23.04.98**

Dispõe sobre os ganhos econômicos resultantes da exploração de resultado de criação intelectual, protegida por direitos de propriedade intelectual, de servidor de órgão ou de entidade do Ministério da Ciência e Tecnologia.

▶ **Portaria MEC nº 322, de 16.04.98**

Define forma de apropriação dos ganhos econômicos resultantes da exploração de resultado de criação intelectual, protegida por direitos de propriedade intelectual, de servidor de órgão ou entidade do Ministério da Educação e do Desporto - MEC.

RESOLUÇÕES

▶ **Resolução CNlg nº 55 de 27.08.2003**

Dispõe sobre autorização de trabalho e concessão de visto a estrangeiros sob contrato de transferência de tecnologia e/ou de prestação de serviço de assistência técnica, de acordo de cooperação ou convênio, sem vínculo empregatício ou em caso de emergência.

▶ **Resolução CG nº 2, de 15.04.98**

Delega competência à FAPESP para realizar as atividades de registro de nomes de domínio, distribuição de endereços IPs e sua manutenção na rede eletrônica INTERNET.

▶ **Resolução CG nº 1, de 15.04.98**

Dispõe sobre o Registro de Nome de Domínio para conectividade à INTERNET, com o objetivo de disponibilizar informações e serviços.

CONVENÇÃO

▶ **Convênio de Berna**

Convênio de Berna para la Protección de las Obras Literarias y Artísticas. Acta de París del 24 julio de 1971 y enmendado el 28 de septiembre de 1979. *(Texto oficial em espanhol)*

Fonte: http://www.mct.gov.br/legis/prop_intelectual.htm